

1 Leitores do Século XXI

1.1 Minhas experiências de leitura

Leio constantemente com imenso prazer. A leitura tornou-se parte integrante de minha vida e das reminiscências infantis, primeiramente, através da voz terna e suave de minha mãe, figura primordial no meu contato com os livros. Quando pequena, sempre ouvia estórias narradas por ela. E quanto mais contava, mais minha curiosidade se aguçava. Esquecia-me do mundo, do tempo; nada importava para além da estória narrada, que exercia uma espécie de fascínio sobre mim. As estórias eram contadas por minha mãe, com suas próprias palavras. Eu ouvia atentamente, estimulada pela imaginação, sem, contudo, ter ciência de que elas eram escritas em algum *lugar*: nos livros.

Aos dois anos e meio, quando fui para a primeira escola, também ouvi muitas estórias que, ora eram contadas pela professora, ora narradas por outras vozes em discos compactos. A audição dessas estórias foi marcante, constituindo momentos deliciosos da minha infância.

Até que cheguei à *idade da leitura* e como sempre fui curiosa e questionadora, perguntava constantemente à minha mãe quem havia inventado as estórias. Então, ela começou a propiciar meu contato concreto com os livros. Pude tocá-los e perceber a variedade de tamanhos, formas e as texturas diversas do papel com o qual eram confeccionados.

Minha imaginação inventiva se encarregava de compor, mentalmente, os pormenores das estórias narradas. Quando adormecia, ficava imaginando os detalhes do vestido *cor do céu com todas as estrelas* que fora dado pela fada madrinha à pobre Gata Borralheira, que apenas desejara dançar com o belo príncipe, conservando a atmosfera de sonhos que os contos me propiciavam.

Ao longo da minha trajetória de leitora, a leitura nunca representou qualquer espécie de martírio, castigo ou cobrança. Ao contrário, o hábito de ler sempre foi prazeroso, pois desenvolveu meu lado crítico, me estimulando a fazer perguntas ao texto.

Posteriormente, a partir dos cinco anos, minha mãe me iniciou no fascinante universo dos livros, estreitando meu contato com a literatura infantil da época. Permitiu meu acesso aos livros, minha entrega, por inteiro a eles, não apenas ao conteúdo, mas à forma, sentindo, tocando cada página, percorrendo os dedos por cada linha, por cada palavra, deixando a imaginação fluir a cada cena, ao tom da voz de cada personagem, vivenciando cada acontecimento ou tendo a ilusão de revivê-lo, tal como foi narrado. Todos os sentidos eram postos de prontidão, a fim de não perder qualquer detalhe da estória narrada. Das suas palavras, brotavam sons, cheiros, sabores. Conseguia captar, simultaneamente, as dimensões inteligíveis e sensíveis das narrativas.

O aprendizado da leitura despertou em mim uma sede de contato com diversos tipos de narrativas, mais complexas. Tal fato levou minha mãe a aprender o código Braille. Ela se dedicou a transcrever estórias para mim, de livros e revistas, destacando as gravuras através de breve descrição entre parênteses. Algumas revistas em quadrinhos como as da Luluzinha, da Xuxa, os almanaques da turma da Mônica, etc. foram transcritas desse modo. Através da leitura e da transcrição de livros para o Braille, conheci os clássicos, tais como os contos de fadas dos irmãos Grimm, entre outros, Alice no País das Maravilhas, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, as fascinantes aventuras de Charles Dickens, Robinson Crusóé, Monteiro Lobato, as fábulas de Esopo, etc.

Minha mãe também me permitia manipular os livros, tocá-los, sentir as formas e texturas diversas, a consistência, o cheiro diferenciado de cada um deles. Ilustrados, grandes, pequenos, usados ou em perfeito estado, enfim, o importante era ler e tornar essa modesta tarefa algo valioso. Foi possível, então, tomar conhecimento da existência das ilustrações e da sua funcionalidade para a construção das estórias, cheirar as páginas, captando o odor delicioso transmitido pelo papel quando os livros eram novos e os odores desagradáveis dos livros velhos, senti-los e distinguir a diferença de seus formatos. Nessas experiências com os livros, vivenciei uma revelação inesperada e iluminadora, uma epifania, termo utilizado pelo estudioso H. U. Gumbrecht, para definir a súbita iluminação que o receptor pode experimentar quando capta, ao mesmo tempo, o efeito sensorial e o sentido produzidos pela linguagem da arte.

Além da transcrição de livros e revistas, minha mãe complementava minha bagagem de leitura com reportagens próprias à idade e à capacidade de compreensão, introduzindo em meus conhecimentos fatos históricos e datas importantes, como: O descobrimento do Brasil, Dia do Índio, Dia do Livro, etc., suprimindo lacunas deixadas pela escola, que não proporcionava aos alunos leituras extraclasse, além do conteúdo

exigido pelo currículo escolar. Essa defasagem, aliada à falta de acessibilidade às bibliotecas públicas, foi vivenciada por outros leitores deficientes visuais, restringindo seu acesso às obras, o que não ocorreu comigo.

Ao contrário, com olhar acurado de mestra, minha mãe proporcionou meu contato direto não apenas com a leitura, mas também com a escrita, com a grafia das palavras, que não podia ser captada através da visão, por meio da transcrição de livros e revistas para o código Braille, ou pela soletração de palavras de grafia mais complexa a fim de que me familiarizasse com o universo ortográfico da língua portuguesa.

Outra fonte inesgotável de *leitura* foi meu acervo discográfico, pois tinha uma grande quantidade de pequenos discos de histórias, os quais ouvia repetidamente, assimilando cada palavra.

Sempre, mas de modo inconsciente, *lia* as histórias com todos os sentidos.

Meu pai também me presenteava com livros de histórias variadas e lia para mim. Sua voz era forte, grossa, intensa. Dava um tom grave ao texto narrado e uma entonação peculiar aos personagens. Lia pausadamente, mas conseguia *sentir* o texto.

Minha escolarização desempenhou papel fundamental nesse processo, pois a partir do momento em que comecei a ser alfabetizada, tive meu primeiro contato, único e solitário, com a leitura e com a escrita através de uma cartilha confeccionada em Braille, oferecida aos alunos pela escola. A alfabetização ampliou meus horizontes a tal ponto que não somente iniciei minha prática de leitura, como também descobri o prazer de ler. A partir daí, comecei a devorar os livros através da mediação de vozes variadas, como a da minha mãe, da professora e dos textos transcritos ou impressos nos livros em Braille.

No ensino médio, as gravações de livros e textos se iniciaram devido à falta de recursos da escola, que não estava apta a confeccionar materiais em Braille para mim. A leitura, então, tornou-se mais direcionada às disciplinas ministradas no colégio. Contudo, como eu já havia adquirido o hábito de ouvir, esse não foi um grande diferencial, servindo apenas como ampliação do meu leque de leituras. Nessa mesma época, tornei-me sócia de uma audioteca inglesa intitulada “Sal e Luz” e passei a receber um imenso acervo bibliográfico gravado em fitas cassete. Foi maravilhoso!

O acervo da audioteca é muito variado e os títulos não são apenas literários, mas também didáticos e religiosos. Além disso, conta com títulos de escritores contemporâneos em evidência. Todavia, as vozes variadas que gravam o acervo sempre influenciam a leitura do texto, interpretando-o de modos diferentes, concedendo a ele tons muito agradáveis ou insuportáveis, transmitidos pelos diversos timbres, o que faz dos *letores*

presenças vivas nas narrativas. Por isso, nada se compara ao meu encontro com o texto, a minha entrega única, inteiramente a ele.

Apesar de ouvir gravações feitas por diversas pessoas, cada uma delas enxergava o texto de modo peculiar, dando a ele interpretações próprias sem, contudo, teatralizá-lo. Alguns leitores liam de forma estagnada, respeitando apenas a pontuação, como leitura técnica; uns, davam uma interpretação tão viva ao texto, como se percebessem, sentissem, vivenciassem cada situação; outros, quase indiferentes a ele, liam apenas; outros ainda, o teatralizavam, imitando as vozes dos personagens, ou como imaginavam que seriam essas vozes. Cada tipo diferenciado de leitura me fazia ter uma nova visão do texto, uma *leitura* diversa conduzida pelas vozes desses interlocutores. Isso sempre me incomodou muito pelo simples fato de não me permitir estabelecer uma conexão própria com o texto, o que me identifica com ele, contribuindo para a criação da minha identidade como leitora. Além disso, a multiplicidade de interpretações acabava por anular a *presença própria do texto*, que recebia apenas minha interpretação. Todavia, essas vozes múltiplas que se interpõem entre mim e o texto alargam minha experiência de leitura, por apresentarem maneiras inovadoras de percepção das obras. É importante mencionar que a interferência delas fez de mim uma leitora mais acurada, pois solicitava atenção redobrada aos pormenores do texto e às sutilezas da voz, como o tom e o timbre. Assim, a prática dessa atividade por muitos anos me tornou uma leitora mais crítica a respeito das inúmeras entonações e interpretações dadas aos textos e da maneira pela qual são interpretados.

Contudo, uma das leitoras da audioteca é peculiar, porque lê os textos como se os tocasse, me fazendo apreendê-los de modo especial, uma vez que, ao ler vivencia cada pormenor, cada detalhe da narrativa, como se sua narração oral fosse uma espécie de colcha de retalhos, na qual cada elemento, por mais insignificante que pareça, funciona como peça fundamental no trabalho artesanal da construção textual. Sem perceber, transmite ao leitor a ilusão de reviver o texto, re-presentificando-o, de acordo com o já citado Gumbrecht. Cada cena é metaforicamente descrita através do timbre da sua voz, que se modifica, naturalmente, ao ler cada fragmento do texto, pois a voz incorpora em si mesma o enredo, a trama das narrativas, as sensações exteriores e interiores de cada personagem, transmitindo encantamento próprio a elas. Qualquer leitor, ao fechar os olhos e deixar-se enlevar pela voz dessa leitora peculiar, terá uma experiência de leitura única e impactante diante do texto, percorrendo, através dele, caminhos inusitados, *cap-*

tando a presença das cenas ou personagens constituintes da trama, o que provoca a produção de presença no leitor, conforme as concepções formuladas por Gumbrecht.

O surgimento de novas tecnologias, (programas falados, leitores de tela, acesso à internet, downloads gratuitos de livros digitais) ampliou meus horizontes de leitora voraz e propiciou maior autonomia na minha prática de leitura. Além da utilidade prática, essas tecnologias, ferramentas importantes de estudo, me proporcionaram liberdade de escolha, tanto dos textos que desejo ler, como dos momentos em que desejo ler determinados gêneros textuais: poemas, jornais, reportagens, obras, narrativas, etc., permitindo também meu contato simultâneo com diversos tipos de texto. Há, porém, a mediação da voz sintetizada que apesar de não ser isenta de entonação, faz uma leitura mecânica dos textos, me incomodando profundamente. Todavia, as novas possibilidades de leitura mais autônoma, permitindo a seleção de textos e obras de múltiplos gêneros, que farão parte do acervo da minha biblioteca digital e uma prática mais intensa do ato de ler, tornaram essas novas tecnologias ferramentas essenciais à minha leitura.

Essas experiências fizeram de mim uma leitora peculiar, que valoriza, sobretudo, os *detalhes* relacionados ao impacto sensível e inteligível do texto, priorizando os dados sensoriais, captados nas linhas e entrelinhas. Meu olhar está voltado para os pormenores materiais que ele oferece às percepções e me afetam nesse contato, não tanto para compor seu significado, que permanece em segundo plano, mas com o intuito de fazer da leitura uma experiência potente.

Textos fechados, simplificadores, escritos de forma linear, que não conduzem o leitor a reflexões críticas, a descobertas através do indizível encontrado nas entrelinhas, são vazios de *significação*. Por isso, identifiquei-me com as Memórias de Pedro Nava, que diferem de outras narrativas memorialísticas por não se constituírem de tramas complexas e acontecimentos grandiosos: aventuras e mistérios, que impulsionariam o leitor convencional a lê-las. Ao contrário, a narrativa naviana é lenta, gradual, descritiva e detalhista, conduzindo pouco a pouco o leitor a um mergulho nas suas reminiscências. Isso desafia o leitor, porque exige dele um exercício de paciência profunda, pois os estímulos que encontra para prosseguir na narrativa estão nos fatos aparentemente banais do cotidiano, retratados detalhadamente pelo memorialista, nas digressões, lacunas, reticências, vozes de outros personagens, na intertextualidade explícita (epígrafes e citações inseridas no meio do texto) e descrições minuciosas, elementos que constroem suas entrelinhas. Elas despertam as sensações, capazes de transformar o texto em

presença viva - apenas para um leitor sensível - que provocaram em mim um olhar afetivo sobre o texto naviano. Além disso, o memorialista trabalha com as sensações de modo particular, retirando-as do convencionalismo usual e dando novo lugar a elas, o que também contribuiu para despertar meu interesse por suas memórias.

1.2 Dois perfis diferenciados de leitores

Atualmente, constata-se, por parte dos meios de comunicação e cultura, a convicção plena da falta do hábito de leitura, sobretudo, em jovens e adolescentes. Geração inserida na era digital, convivendo com a linguagem das novas mídias e com a navegação constante no ciberespaço. É necessário observar, no entanto, que, livre das referências culturais das gerações precedentes, o leitor contemporâneo tem um novo modo de ler, diferenciado dos seus antecessores. Em virtude da rapidez e do imediatismo das informações gerados pelos recursos advindos do mundo globalizado, em particular os tecnológicos, o leitor jovem de hoje se tornou impaciente, exigindo textos objetivos, que procurem focar diretamente as informações necessárias.

A leitura funciona, aí, como instrumento para obtenção das informações desejadas. Tanto que, dificilmente, o jovem leitor vê a leitura como entretenimento, exceto quando as narrativas recriam situações que se aproximam do seu cotidiano, das suas vivências, com as quais se identifica. Ele requer textos com uma linguagem coloquial, simples, focados em acontecimentos do presente, que narrem de maneira dinâmica e objetiva a realidade ou busquem imitá-la por meio da ficção. Plenamente conectado com fatos do cotidiano, tendo a internet a seu serviço como fonte enciclopédica e inesgotável de pesquisa, o leitor contemporâneo não tolera a fantasia excessiva, que se distancie do universo real.

O leitor atual é muito dinâmico, fato que justifica a demanda pela brevidade dos textos, pois qualquer detalhe é considerado excessivo. De modo genérico, não se interessa pelo pormenor, rejeitando o trabalho gradativo de construção das entrelinhas. Esse leitor espera receber respostas prontas, explícitas do texto, sem ter que refletir e dialogar com ele, do modo convencional.

Por outro lado, o leitor de hoje é muito participativo. Para ele, a leitura só será prazerosa se permitir o uso dessas possibilidades interativas, dando-lhe a liberdade de interferir no texto, estabelecendo uma ordem textual própria, suas conexões entre os personagens, reescrevendo as histórias, modificando a estrutura, os rumos das narrativas

e o modo de convivência entre os personagens, trocando suas posições nas tramas sempre que possível, transformando protagonistas em coadjuvantes, heróis em bandidos, vilões em mocinhos, amigos em rivais e vice-versa, apresentando múltiplas alternativas para cada situação, (construindo enredos com múltiplas versões), dialogando diretamente com as narrativas, graças à interatividade. A leitura funciona como jogo textual a ser jogado conforme as escolhas preestabelecidas pelo jogador. Além disso, o leitor atual recusa a passividade perante os textos, exigindo o direito de contribuir com o que lê, compartilhando comentários com outros leitores, interagindo com eles através da troca de informações/sugestões e críticas em sites em que é possível a interferência de leitores nos textos, blogs ou comunidades do Orkut. Essa possibilidade de compartilhamento de opiniões e experiências de leitura estimula, de certo modo, o leitor a entrar em contato com os livros, mesmo que, inicialmente, se utilize deles apenas para ser inserido no contexto dessas redes sociais. Isso o incentiva a pesquisar mais, aceitando o convite dos links inseridos no hipertexto, que remetem a temas correlacionados a ele, implicando em ler mais, ainda que essa leitura seja feita através da tela do computador.

Estimulado pelas possibilidades participativas e imersivas virtuais, conectando na tela, por meio de movimentos e comandos do mouse, os nexos eletrônicos hipertextuais, buscando estabelecer uma conexão entre eles, o leitor vai unindo, de modo não sequencial, fragmentos de informações de naturezas diversas, criando e experimentando, na sua interação com a internet, um tipo de comunicação multilinear e labiríntica, tornando a leitura um jogo com múltiplas possibilidades de interação.

Verifica-se, portanto, que a presença dessas mídias se tornou fundamental na prática da leitura, pois o jovem precisa delas para ler mensagens que recebe por e-mail, históricos de conversas no MSN, conteúdos de comunidades do Orkut com o intuito de ponderar se deve ou não fazer parte, comentários feitos em blogs que frequenta, ou por recomendações de colegas, ou por abordarem temas do seu interesse. Consequentemente, o surgimento dessas novas possibilidades também demanda do jovem leitor a prática intensa da escrita, buscando a integração nesse universo virtual, fato que o obriga a ler com o intuito de apreender tanto o conteúdo das obras (que lhe possibilitará tecer, seguramente, seus comentários sobre elas nas redes sociais) como a grafia de palavras mais complexas (apesar de poder fazer uso do *internetês.*), contribuindo para a aquisição de maior fluência na prática da redação.

O leitor contemporâneo, *formado* pela internet também lê por prazer. Esse prazer vincula-se à prática interativa que ela oferece. Por essa razão, a maioria dos leitores não

atenta para a funcionalidade do livro impresso nem para a diferenciação entre leitura digital e leitura impressa, preferindo a rapidez e o dinamismo do suporte eletrônico. Essa preferência é válida, sobretudo para os leitores adolescentes, uma vez que essa interação proporciona a simultaneidade de tarefas, desempenhadas juntamente com o ato de ler, tornando-o menos cansativo e mais dinâmico, visto que, enquanto lê, o adolescente pode ouvir música, conversar com amigos no MSN, navegar por outros sites e blogs, etc.

Ao propiciar simultaneamente o contato com a leitura e a escrita, seja por entretenimento ou em busca da aquisição do conhecimento, a internet (o hipertexto) brusca-mente arranca o leitor da sua postura cômoda e passiva, afetando-o de algum modo, exigindo dele uma reação participativa perante o conteúdo que lê nos sites e blogs, motivando-o a tecer comentários, sugestões e críticas ou, até mesmo, a relatar suas experiências sobre o assunto tratado a serem compartilhadas com outros leitores.

A título de amostra, vale a referência a uma escritora contemporânea voltada exclusivamente para o público adolescente, Talita Rebouças. Seus livros estão em evidência por apresentarem narrativas breves dentro de uma narrativa longa, desobrigando o leitor de ler o livro inteiro, mas tornando cada episódio o mais interessante possível para atraí-lo, convidando-o sutilmente à leitura. Mesmo impressos convencionalmente, esses livros estão recheados de recursos tecnológicos ligados à realidade dos adolescentes de hoje, fazendo com que seus personagens estabeleçam em seu cotidiano conexões entre o mundo virtual e o real. Além disso, há uma tentativa de aproximação desses leitores com a escrita, como se pode verificar na seguinte passagem: extraída do livro *Fala sério, amiga*:

- Eu ã gostu di ixcreve axim. Mi xintu la prfeita idiota.
- Duca, Alice e Nanda logo começaram a bombardear minha tela:
- 100 noçaum, Malu! – bradou Alice.
- A GNT aaaama ixcreve axim, fofura – teclou Nanda.
- A gente odeia! A gente está assassinando o português! – reagi, indignada.
- Ki eh ixo, miguxa? Q foi ki akontxeu?
- A gente não tem miguxa, a gente tem amiga, Nanda! Amiga!
- Fala sério! – esbravejei.
- Miguxa Malu fico bava... – ironizou Duca.
- Miguxa Malu tem todo o direito de ficar brava! Miguxa Malu não tem cinco anos pra falar ou escrever axim. Miguxa Malu tem zero paciência com essa língua pateta – teclou emburrada.
- Ki papu caidu! – reclamou Alice.
- Caída foi minha nota em português. Mandeí um “vc” e um “tb” na prova. Por causa desse internetês tirei cinco. Cinco! Nota ridícula.
- Agora estou de castigo!

(Thalita Rebouças, 2008, p. 87-88).

Apesar da interatividade proporcionada pela internet, os leitores jovens, ao contrário dos adolescentes, por não terem sido formados na era digital, utilizam os processos interativos como ferramentas para tornar a leitura mais dinâmica. Todavia, muitos deles acham a leitura digital cansativa, preferindo o livro impresso a fim de desfrutar do prazer que o contato com o papel oferece, podendo senti-lo, tocá-lo, cheirá-lo, transportá-lo para qualquer lugar como um companheiro e explorá-lo, lendo e relendo as páginas, fazendo marcações nos trechos considerados mais relevantes, tecendo comentários nas próprias páginas como marcas pessoais, atribuindo grande valor afetivo a ele. Para esses leitores, as narrativas se tornam mais interessantes quando recriam situações que se aproximam das suas vivências e sentimentos diante delas, tais como as relatadas pelo jornalista e escritor João Paulo Cuenca, em seu blog de crônicas escritas para o jornal *O Globo* e em seu blog intitulado “Tóquio”, no qual o escritor relata as aventuras exóticas, percalços e mistérios vividos por ele na capital do Japão.

As seguintes passagens extraídas dos dois blogs ilustram o comentário anterior.

Carnaval já Passou - 14.02.2008

Queria escrever uma crônica para os que passaram um carnaval triste. Para os que acordaram na quarta-feira cinzenta, sozinhos outra vez, com gosto de semana passada na boca. Para os que, inicialmente tímidos e depois desesperados, viram seu amor-próprio desmoronar à medida da seqüência inevitável de rejeições, de tocos, de não-me-toques, de olhares gélidos lançados pelas colombinas, indiazinhas, diabinhas e bailarinas.

Uma crônica para o exército de reserva dos tamborins, para os coadjuvantes fora de quadro, para os que perseguiram o encontro e, mesmo abandonando o que conheciam por critério, acabaram a folia com um zero a zero estampado no placar e na testa. (Blog de crônicas de João Paulo Cuenca.).

Tuesday, May 29, 2007

Aventuras em Akihabara

É fim do dia e caminho pelas ruas mal iluminadas de Ueno, depois que o mercado barulhento sob a linha do trem se esvaziou rapidamente (entrei num bar de Yakitori e, quando saí, não havia mais movimento algum). Sigo a direção do viaduto acreditando que vou para um lado, e depois de vinte minutos andando na via escura chego noutra: Akihabara, meca planetária dos nerds (os japoneses chamam de “otaku”) que reúne as maiores lojas de eletrônicos, mangá e anime do Japão. (Tóquio, João Paulo Cuenca.).

No contexto dos hábitos do público jovem, é interessante ressaltar a contribuição da minha formação de leitora, também jovem, alicerçada nas características mencionadas anteriormente. Contudo, a experiência diferenciada de leitura, que vivenciei, tornou-me sensível sobretudo aos detalhes que constroem as entrelinhas de qualquer tipo de texto. Trata-se de um hábito relevante na escolha do meu caminho teórico a ser explora-

do minuciosamente ao longo deste trabalho. A atenção às entrelinhas tanto contribui para a produção do *sentido* do texto, como torna *presentes*, para mim, as personagens ou informações representadas pelas palavras. Capacito-me, assim, não apenas a ler, mas sou transportada para o que leio, o que provoca em mim a ilusão direta de reviver os fatos, diante de qualquer tipo de texto, estimulando a prática interativa.

Se por um lado, aguicei minhas percepções, graças às experiências que me foram proporcionadas, por outro, como não fui uma leitora formada pela internet, apesar de me manter sempre atenta à leitura, lendo e relendo cuidadosamente as páginas e prestando atenção aos pormenores, na infância e adolescência, por falta de condições técnicas, nunca pude participar dos textos. Só imaginariamente interagia com as histórias, não tendo oportunidade de interferir na escrita para tecer comentários, modificar frases ou sugerir mudanças, inserções de parágrafos e retirada de outros, criticando, construindo, por meio de sites interativos, narrativas coletivas com outros leitores, como o leitor de hoje.

Mesmo que seja, com o intuito de manter a proximidade com autores, correspondendo-se com eles, o jovem de hoje é obrigado a ler a fim de obter conhecimento sobre as obras desses escritores, fato que também incentiva a escrita. O prazer desse leitor será redescoberto através do surgimento de novas possibilidades de leitura participativa e interativa.

1.3

Delineando o perfil dos possíveis leitores das Memórias navianas

A obra de Nava é peculiar. Portanto, exige um leitor observador profundo do pormenor, constantemente atento aos detalhes de cada trecho, de cada situação narrada. Além disso, exige um leitor que tenha interesse na apreensão do conhecimento da geração do período retratado nas memórias, nos atos e movimentos históricos/literários descritos na obra (a Padaria Espiritual, o movimento modernista) ou em aspectos relacionados aos costumes, aos hábitos cultivados pela cultura erudita e popular da época.

Como a obra naviana trata de diversos temas simultaneamente, é preciso que seu leitor ideal veja a leitura das memórias como mecanismo de aprendizagem, fonte inesgotável de novos conhecimentos, e tenha sede de obtê-los. Além disso, oferece oportunidade de participação sensível e interativa, que transporta o leitor para outro tempo, ativando sua imaginação crítica.

As memórias, nos primeiros capítulos, conseguem cativar o leitor, mas ao longo de suas páginas podem produzir nele dois efeitos contrários: cansá-lo e decepcioná-lo, se for um leitor ávido de grandes acontecimentos, mistérios e tramas, pois o enredo não avança com o desenvolvimento da narrativa que transcorre lentamente. Isso porque o escritor se detém em descrições minuciosas de retratos, objetos, fisionomias de pessoas e fatos, formulando inúmeras digressões sobre eles, mantendo, em toda obra, sua escrita *zigzagueante*, que não se modifica. Essa escrita chama o leitor a todo momento para o texto, pois não permite que se disperse, exigindo posicionamento acurado para que não perca os detalhes que constroem as narrações complementares, inseridas na narrativa principal das memórias. Exige também uma postura participativa, a partir da apreensão pausada do texto, para deixar-se envolver por cada sensação que desperta, entregando-se a ele intensamente e, assim, tornando-se apto a compartilhar com o memorialista as experiências vividas e descritas por ele.

A escrita naviana também requer um leitor paciente, capaz de compreender o modo de narrar do escritor, que inicia uma história em determinada página e só a conclui inúmeras páginas adiante. Esse leitor deve saber esperar o tempo longo da narrativa naviana, deixando-se conduzir por ele, com o intuito de reviver o passado, materializado através da linguagem, saboreando cada sutileza narrada.

Nava, a todo momento, dialoga com o leitor, impedindo que permaneça inerte, estagnado diante do texto, conduzindo-o a vivenciar as experiências autobiográficas, recriadas ou não, a partir da leitura da obra. Essa condução é feita através da utilização de uma rica linguagem sensorial que privilegia a descrição do pormenor, como se verá minuciosamente adiante.

Não basta ler as memórias; o leitor deve ter uma profunda e acurada sensibilidade para experimentá-las, entregando-se a elas, percebendo e desvendando suas entrelinhas. Essa entrega requer um esforço para se desprender da tentativa de encontrar um sentido para as narrativas que as compõem. No entanto, o melhor é exercitar a percepção e a compreensão simultâneas, propostas pelo narrador. Esse exercício é possível, tanto para os leitores contemporâneos formados a partir da internet, como para leitores sensoriais, como eu, que privilegiem o pormenor, conforme se verifica no relato das minhas vivências de leitura, previamente narradas. Dessa forma, o leitor receberá cada texto abertamente, o que facilitará a experiência das sensações, necessária à sua plena compreensão. Por meio delas, Nava valoriza ou desvaloriza seus personagens, intensifica seus afetos ou demonstra seus desafetos por eles, como se pode verificar em *Balão Cativo*.

Na obra, sons, falas, cheiros, imagens e gestos são extremamente explorados, principalmente no primeiro capítulo, no qual as sensações são mais aguçadas. É como se o menino revivido pelo escritor pudesse perceber, com maior sensibilidade, os espaços e acontecimentos ao seu redor. Tanto que eles permaneceram vivos na memória do escritor. As sensações são, constantemente, estimuladas pelos cinco sentidos, reativados através das lembranças. Isso se reflete no texto memorialístico de Nava, constituído pela mescla de memória voluntária e involuntária, realidade e ficção.

Sem as combinações de memória voluntária e involuntária, tais como foram celebrizadas por Proust, as *Memórias* não seriam escritas da maneira que são, pois as sensações não seriam valorizadas. É graças aos clarões da memória involuntária, que se interpõem aos fatos propositalmente lembrados, que o narrador reconstrói seu *tempo perdido*. Essa mistura contribui para a liberdade de invenção do memorialista, porque lhe permite ampliar o espaço para tratar das impressões causadas pelo acontecimento que, revivido pela memória, se presentifica novamente através do talento e da estilização artística do escritor, a ser analisada detalhadamente no decorrer deste estudo.